

POSSÍVEIS FONTES DA ESTRATÉGIA DIDÁTICA DE BETTI KATZENSTEIN

POSSIBLE SOURCES OF BETTI KATZENSTEIN'S TEACHING STRATEGY

Claudia BORSATO*

Marcus Vinicius da CUNHA**

Resumo: Este trabalho tem por base uma pesquisa anterior que analisou uma série de artigos de Betti Katzenstein publicados entre 1947 e 1948 na coluna Clínica Psicológica, seção do Caderno Feminino do Jornal *Folha da Manhã* do Rio de Janeiro. A referida pesquisa revelou que alguns artigos eram elaborados na forma de diálogos entre duas personagens fictícias – Dona Anastácia, uma mulher de pouca instrução, e uma Psicóloga –, sendo esta uma maneira de a autora instruir seus leitores acerca de estratégias retóricas de persuasão. O presente trabalho focaliza as possíveis fontes de inspiração de Katzenstein, no que tange a essa estratégia didática. São analisadas as publicações da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* entre 1944 e 1948, em busca de matérias relativas a metodologias de ensino e também dois livros (*O teatro da espontaneidade*, de 1923 e *Psicodrama*, de 1946) de autoria de Jacob Levy Moreno, criador do Psicodrama.

Palavras-chave: História da Educação; História da Psicologia; Estratégias Didáticas; Persuasão; Retórica.

Abstract: This work is based on a previous research that analyzed a series of articles published by Betti Katzenstein between 1947 and 1948 in Rio de Janeiro's *Folha da Manhã* Newspaper - Psychological Clinic column, Women's Notebook section. That research revealed that some items were prepared in the form of dialogues between two fictional characters - Dona Anastacia, a woman of little education, and a psychologist, in such a way in which the author could instruct readers about rhetorical strategies of persuasion. This work also focuses on Katzenstein's possible sources of inspiration concerning teaching strategy. It analyzes the publications of the Brazilian Journal of Pedagogical Studies between 1944 and 1948 in search of matters relating to teaching methodologies as well as two books (*The Theatre of Spontaneity* from 1923 and *Psychodrama* from 1946) written by Jacob Levy Moreno, creator of Psychodrama.

Keywords: History of Education, History of Psychology, Teaching Strategies, Persuasion, Rhetoric.

Introdução

O presente trabalho expõe resultados decorrentes do projeto de pesquisa intitulado “Análise do discurso pedagógico de Betti Katzenstein”, cujo objetivo consistiu em examinar artigos da referida autora publicados entre 1947 e 1948 na coluna Clínica Psicológica, seção do Caderno Feminino do Jornal *Folha da Manhã* do Rio de Janeiro. Tais artigos compunham o rol de atividades de Katzenstein voltadas ao público

* Doutora em Educação pela USP. Pós-Doutorado pela USP. E-mail: clau2b@yahoo.com

** Docente – FFCLRP/USP. Doutor em Educação pela USP e Professor Livre Docente pela UNESP. E-mail: mvcunha2@hotmail.com

em geral, em complemento à sua atuação acadêmica como professora e pesquisadora, área em que se notabilizou por estudos sobre desenvolvimento infantil e relações entre pais e filhos.¹

Parte da referida pesquisa consistiu em situar os temas dos artigos de Katzenstein no âmbito do ideário educacional renovador denominado Escola Nova, cujo desenvolvimento ocorreu no Brasil entre 1920 e o início da década de 1960. Tais temas focalizavam prioritariamente problemáticas psicológicas e psicopedagógicas infantis, com ênfase na atuação da família perante a escola. Alguns artigos foram investigados por intermédio da análise retórica, referencial teórico-metodológico adotado pelo Grupo de Pesquisa “Retórica e Argumentação na Pedagogia”, cuja fundamentação encontra-se nas obras de Chaïm Perelman (ver Cunha, 2010).

A pesquisa revelou que uma das metas de Katzenstein era transmitir aos profissionais da educação técnicas de diálogo persuasivo, ou seja, estratégias retóricas de argumentação. Essa constatação foi baseada no estudo de textos em que a autora colocava em cena duas personagens fictícias, Dona Anastácia – descrita como mulher “boazinha” e de “inteligência comum” que “adota sem maiores exames a opinião corrente” – e a Psicóloga, fazendo-as dialogar sobre assuntos relativos à vida infantil, tanto no âmbito familiar quanto na esfera escolar.

A estrutura dessas matérias dialogadas era sempre a mesma: após Dona Anastácia apresentar um problema que a afligia acerca da vida infantil, a Psicóloga iniciava uma série de indagações com o objetivo de modificar a opinião da interlocutora. O diálogo era concluído quando Dona Anastácia exibía um ponto de vista diferente do inicial, mostrando-se concordante com as sugestões da Psicóloga, cujo intuito persuasivo – nos termos da análise retórica – era então efetivado.

Nas conclusões da pesquisa, destacou-se o fato de que, para ensinar as referidas técnicas de persuasão a seus leitores, Katzenstein não empregava o recurso didático da exposição tradicional, a qual consiste em uma explanação relativa a bases teóricas e a exposição do objeto a ser assimilado pelos aprendizes. Em vez disso, a autora colocava os leitores diante das situações fictícias acima descritas, expressando assim uma proposta de ensino que se pode considerar inovadora, em comparação com o que era costumeiramente praticado nas salas de aula, tanto no Brasil quanto em outros países.

Betti Katzenstein havia chegado ao Brasil em 1936, oriunda da Alemanha, onde trabalhara na Universidade de Hamburgo nas áreas de Educação, Psicologia da Comunicação e Psicologia do Direito. Logo ingressou na Universidade de São Paulo, atuando no Laboratório de Psicologia do Instituto de Educação e desenvolvendo

serviços de atendimento psicológico à comunidade. Quando começou a publicar na *Folha da Manhã*, Katzenstein já reunia larga experiência prática com famílias, crianças e adolescentes, o que pode ter determinado sua opção por escrever na forma de diálogo, na expectativa de instruir seus leitores sobre estratégias de persuasão, aspecto fundamental da atuação de profissionais que lidam com pais e mães.

O presente trabalho traz novos resultados da mesma pesquisa, agora focalizando as possíveis fontes de inspiração de Katzenstein no que tange à estratégia didática por ela utilizada nos aludidos textos dialogados. Para isso, foram levantadas duas hipóteses, tendo em vista as áreas de formação e atuação da autora – a Educação e a Psicologia. A primeira hipótese é que Katzenstein tenha buscado subsídio em propostas concernentes aos métodos de ensino a serem adotados pela escola renovada. A segunda é que a autora tenha buscado inspiração em estudos teóricos situados no campo da Psicologia.

Para discutir essas hipóteses, foram analisados dois conjuntos de fontes. No campo da Educação, artigos publicados na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP) entre 1944 (ano de início da publicação do periódico) e 1948. Foi empreendida uma busca em todos os números desse periódico publicados no período, no intuito de localizar matérias relativas a metodologias de ensino, seja como tema central, seja como tema secundário. Nos textos selecionados, foram buscadas menções a abordagens próximas da adotada pela autora.

No campo da Psicologia, foram examinados livros sobre Psicodrama, corrente criada por Jacob Levy Moreno, pioneiro na elaboração da proposta de utilizar técnicas de dramatização como forma ideal para lidar com situações que envolvem a mudança de atitudes. A opção por livros, nesse caso, deveu-se ao fato de que, na ocasião em que Katzenstein publicou seus artigos, o Brasil ainda não possuía revistas especializadas na abordagem psicodramática. A primeira publicação sobre esse tema, a *Revista da Federação Brasileira de Psicodrama*, surgiu em 1977, sendo denominada *Revista Brasileira de Psicodrama* a partir de 1990.

No momento em que Betti Katzenstein elaborou seus textos dialogados, haviam sido editados somente dois livros relevantes de autoria de Moreno: *O teatro da espontaneidade*, de 1923 (Moreno, 1984), e *Psicodrama*, de 1946 (Moreno, 1974). Esse material recebeu o mesmo tratamento metodológico que as matérias da RBEP, em busca de proposições didáticas semelhantes às adotadas pela autora.

A Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP)

A *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP) é o periódico oficial do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira”, órgão do Ministério da Educação fundado em 1938 com a denominação de Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP).

Segundo relata Lourenço Filho (1964), o Ministro da Educação Gustavo Capanema organizou em 1936 o projeto de um órgão que fosse responsável por estudos, documentações e investigações na esfera educacional e que atuasse juntamente com o Departamento Nacional de Educação e o Conselho Nacional de Educação, recebendo a denominação de Instituto Nacional de Pedagogia. Em 1938, um Decreto-Lei alterou a denominação do novo órgão para Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), definindo suas competências e sua estrutura.

O INEP começou a funcionar naquele mesmo ano, tendo Lourenço Filho como seu primeiro diretor. A primeira atividade do órgão foi reunir dados estatísticos, organizar e coletar materiais relativos à documentação. Tratou-se de fazer a “classificação de todo esse material estatístico, legislativo e bibliográfico”, o qual começou a “revelar as realidades da educação nacional, em seus aspectos capitais (...), como também no das ideias”; os resultados desses estudos mostraram “as consequências lógicas e naturais da ação política em matéria de educação” (Lourenço Filho, 1964, p. 14, 17).

Em 1944 foi criado o periódico de divulgação do INEP, a RBEP, com artigos de autores nacionais e estrangeiros e informações sobre as principais atividades da área educacional no Brasil e no exterior. Segundo Cunha (1998, p. 70), nos primeiros anos de existência da revista, “notava-se a presença de artigos que buscavam definir os fins da educação nacional perante a situação mundial ao término da II Guerra”, o que teve prosseguimento mesmo após aquele conflito bélico, com ênfase no papel das ciências pedagógicas e nas características ideais do professorado.

Rothen (2005, p. 190) informa que a RBEP funcionava para o INEP “como um instrumento para a divulgação da sua produção intelectual e para influenciar na formação das concepções brasileiras de educação”. O autor assinala que tal intuito pode ser identificado logo no primeiro número da revista, tanto na Apresentação feita pelo Ministro da Educação da época, Gustavo Capanema, quanto no Editorial escrito pelo Diretor do órgão, Lourenço Filho.

Em seu texto, Capanema (1944, p. 3) considera que o papel da RBEP “será reunir e divulgar, pôr em equação e em discussão (...) os problemas pedagógicos especiais que se deparam na vida educacional de nosso País”. Lourenço Filho apresenta o objetivo de

cada sessão do periódico, assinalando que o mesmo contribuirá “para a formação de uma esclarecida mentalidade pública em matéria educacional” (Editorial, 1944, p. 5).

Na Apresentação redigida pelo Ministro, fica nítido que a RBEP não seria apenas mais uma revista no rol das publicações na área educacional, mas sim o “órgão oficial dos estudos e pesquisas pedagógicas do Ministério da Educação” (Capanema, 1944, p. 3). Lourenço Filho concorda com o Ministro e afirma que o periódico era o que faltava para o “fecundo movimento” de reconstrução do país, o qual “vem dando coordenação e expressão definida o Ministério da Educação, por seus trabalhos de reforma, suas realizações e estudos, suas pesquisas e publicações” (Editorial, 1944, p. 5).

Capanema (1944, p. 3) esclarece que “não seria mais admissível que as nossas preocupações limitassem à divulgação de ideias pedagógicas gerais”, sendo fundamental conhecer renovações e experiências de outros países, discussões de filosofia e de ciência da educação de autores estrangeiros e, ainda, as bases dos métodos ativos. O Ministro exemplifica, citando países como Inglaterra, França e Alemanha; teóricos como Dewey, Durkheim e Claparède; e métodos, como os de Montessori e Decroly.

A RBEP era um órgão comprometido com o Ministério da Educação, mas a responsabilidade por sua publicação foi atribuída ao INEP. Segundo Rothen (2005), esse esclarecimento passou a ser publicado no verso da capa da revista a partir do número 2, permanecendo até o número 142, editado em 1978. Ao analisar a Apresentação e o Editorial do número 1, Rothen (2005, p. 195) esclarece que “a Revista adotou, desde a sua criação, uma linha editorial que visava exprimir o ponto de vista nacional”, assumindo “a postura escolanovista” e abordando “temas práticos”. Ao longo do tempo, esses pressupostos foram sendo enfatizados ou distanciados, de acordo com as sucessivas direções do INEP.

Lourenço Filho, que dirigiu o Instituto até 1945, manteve a proposta explicitada no primeiro editorial do periódico, assumindo as ideias de renovação educacional e tratando de temas práticos. Murilo Braga, que dirigiu o Instituto de 1946 a 1952, reduziu as matérias que envolviam temas práticos, aumentando a quantidade de artigos relacionados à psicologia aplicada. No cargo entre 1952 e 1964, Anísio Teixeira retomou o objetivo de fazer do INEP um órgão prioritariamente voltado ao desenvolvimento de pesquisas educacionais (Rothen, 2005).

Rothen (2005, p. 198) analisa que Teixeira (1952) propôs em seu discurso de posse um método para a elaboração de propostas educacionais, tendo por base o “conhecimento científico”, a “análise científica das experiências” e a “valorização da

diversificação ao invés de terem o fundamento nas leis”. Teixeira (1952, p. 79) ressaltou que “a ciência não nos vai fornecer receitas para as soluções dos nossos problemas”, mas “o itinerário de um caminho penoso e difícil, com idas e voltas, ensaios e verificações e revisões, em constante reconstrução”. Esse direcionamento voltado à investigação científica permeou os artigos da RBEP durante os anos de 1950, resultando na criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e de seus Centros Regionais.

Cunha (2002) destaca que o CBPE foi instituído pelo Decreto Federal n. 38.460, de 28 de dezembro de 1955, sendo subordinado ao INEP e dirigido também por Anísio Teixeira; esse mesmo decreto também instituiu os Centros Regionais. Segundo Cunha (2002, p. 133), em 1956 foi criada a revista *Educação e Ciências Sociais*, órgão editorial do CBPE, e em 1957, a revista *Pesquisa e Planejamento*, do Centro Regional de São Paulo. Ambas as publicações traziam a produção e as atividades dos respectivos Centros, constituindo veículos de “divulgação das pesquisas desenvolvidas pelos centros, dos estudos e projetos por eles levados a cabo e das reflexões dos educadores que os dirigiam ou que a eles se agrupavam”.

Na gestão de Anísio Teixeira foram ampliados os canais de divulgação do ideário e das atividades do INEP. A RBEP e os periódicos dos Centros contribuíram para disseminar as novas concepções de educação, influenciando assim a formação dos educadores e as práticas pedagógicas em vigor.

Gandini (1995, p. 27) avalia que os oito primeiros anos da RBEP seguiram a orientação de Lourenço Filho na seleção dos trabalhos publicados, predominando “textos sobre psicologia e, principalmente, psicologia aplicada, características importantes do movimento escolanovista”. A autora destaca que na mesma época havia dificuldade de obtenção de artigos para publicação, o que levou os diretores a reproduzirem “artigos publicados em revistas estrangeiras, aulas, conferências e cursos realizados no Brasil”. Durante o período de 1944 a 1951, a RBEP enfatizou trabalhos que abordam a psicologia como temática. A partir de 1952, a revista voltou-se para a discussão de novos direcionamentos educacionais, sob variadas perspectivas científicas.

As seções que compõem a revista permaneceram praticamente inalteradas durante todo o período de 1944-1960: “Editorial”, “Ideias e Debates”, “Documentação” e “Vida Educacional”. Gandini (1995) considera que os principais textos do periódico foram publicados em “Ideias e Debates”, sendo artigos, conferências, discursos de autoridades brasileiras e transcrições de textos estrangeiros. A seção “Documentação” era composta de relatórios de pesquisas, exposições de motivos sobre leis, dados sobre a organização

e a administração do ensino, bem como dados estatísticos. Informações do país e do estrangeiro, pequenos artigos publicados em outras revistas e jornais e atos oficiais compunham a seção “Vida educacional”, que continha a subseção “Através de Revistas e Jornais”. A seção “Orientação pedagógica”, que trazia respostas a perguntas enviadas ao INEP por profissionais da educação, apareceu em poucos números da RBEP: em 1944, no volume 1, números 2 e 3; em 1945, no volume 3, número 7; e em 1947, no volume 11, número 31.

Gandini (1995, p. 36) observa que o tema de maior ocorrência entre 1944 e 1952 foi a Psicologia, com destaque para “suas possíveis aplicações à pedagogia e à organização do trabalho”. Em segundo lugar aparece a temática “educação em outros países”, com artigos que discutiam aspectos peculiares dos sistemas de ensino estrangeiros. Gandini (idem, p. 37) menciona a Estatística como o quinto tema mais encontrado nos artigos, revelando a “preocupação constante de apresentar dados estatísticos”, visando a obtenção de informações precisas sobre a situação do ensino brasileiro, com o intuito de classificar e organizar os alunos nas classes escolares, entre outras funções.

A autora indica que na seção “Documentação” as transcrições de relatórios de pesquisa, congressos e seminários apareciam com frequência. Gandini (1995, p. 38) chama a atenção para a presença de leis sobre educação de outros países, traduzidas e editadas no periódico, e também destaca um trabalho publicado nos cinco primeiros números que arrola a “Bibliografia Pedagógica Brasileira” entre 1842 e 1943, trazendo um “material bastante valioso para pesquisadores da educação brasileira”.

Vidal e Camargo (1992, p. 416) explicam que no interior da RBEP havia dois movimentos quase imperceptíveis, sendo um de cunho técnico e burocrático, e outro, de caráter teórico. O primeiro movimento diz respeito ao material coletado pelo Instituto por meio de suas investigações, divulgado sobretudo nas seções “Documentação” e “Através de Revistas e Jornais”, subseção de “Vida Educacional”. O segundo “reflete ideias de autores da Revista na observação dos fatos educacionais, exame dos princípios e análise de questões de aplicação”, o que se encontra na seção “Ideias e Debates”. Os autores pertencentes a esse movimento traziam também experiências de outros países, oferecendo princípios gerais da filosofia e da ciência da educação, mediante o estudo de pensadores como Durkheim, Dewey, Montessori, Decroly e Kerchensteiner.

Vidal e Camargo (1992, p. 416) mostram que esses conteúdos e a estrutura da RBEP colaboraram com a manutenção dos propósitos dos dirigentes e colaboradores do INEP, no que se refere aos rumos da educação brasileira. A revista seguiu os objetivos

traçados pelo Instituto, “no sentido de organizar a documentação relativa às técnicas pedagógicas e de manter intercâmbio com instituições do país e do estrangeiro”. Portanto, os conteúdos das seções do periódico eram coerentes com os objetivos traçados pelo INEP.

A periodicidade de RBEP foi irregular: nos dois primeiros anos, a publicação foi mensal; em 1946 e 1947 foi bimestral; em 1948 passou a quadrimestral, permanecendo nesse formato até o começo da década de 50, quando começou a ser editada trimestralmente. Atualmente a revista apresenta periodicidade quadrimestral.

Metodologias de ensino na RBEP

Entre 1944 (ano de criação da RBEP) e 1948, foram editados 29 números da revista, distribuídos em 12 volumes, conforme se vê no Quadro 1, abaixo.

Quadro 1 – Números e volumes da RBEP distribuídos por ano

ANO	VOLUME	NÚMERO
1944	1	1
	1	2
	1	3
	2	4
	2	5
	2	6
1945	3	7
	3	8
	4	10
	4	11
	4	12
	5	13
	5	15
	6	16
	6	17
1946	7	19
	7	21
	8	22
	9	24

	9	25
1947	10	26
	10	27
	10	28
	11	29
	11	30
	11	31
1948	12	32
	12	33
	12	34

Fonte: Elaborado pelo autor (2013).

Nesses 29 números foram publicadas 540 matérias, distribuídas nas três seções da revista, conforme se encontra disposto no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Número de matérias publicadas por seção da RBEP

SEÇÃO	NÚMERO DE MATÉRIAS
Ideias e Debates	154
Documentação	71
Vida Educacional	315

Fonte: Elaborado pelo autor (2013).

Como se pode observar, a seção que publicou o maior número de matérias (315) foi “Vida Educacional”, a qual incluía, conforme já foi dito, a subseção “Através de Revistas e Jornais”. Em segundo lugar vem “Ideias e Debates” (154), e por último, “Documentação” (71).

Nesse total de 540 matérias, foi possível identificar 14 com temas relativos a metodologias de ensino. Conforme se pode ver no Quadro 3, abaixo, tais matérias foram publicadas nas seções “Ideias e Debates” e “Vida Educacional”, encontrando-se em todos os anos focalizados nesta investigação, com predominância em 1946, quando foram editadas cinco das quatorze matérias.

Quadro 3 – Matérias da RBEP com temas relativos a metodologias de ensino

AUTOR E TÍTULO DA MATÉRIA	VOLUME, NÚMERO,	SEÇÃO
----------------------------------	----------------------------	--------------

	ANO	
Childs, J. L. Democracia e método educacional	2, 5, 1944	Ideias e Debates
Duarte, B. Teatro, colaborador da educação	3, 7, 1945	Vida Educacional
Orlandí, J. As “missões culturais”	3, 8, 1945	Ideias e Debates
Wynn, M. Técnica para leitura rápida	3, 8, 1945	Vida Educacional
Driscoll, G. A conduta da criança na escola e como observá-la	6, 16, 1945	Ideias e Debates
Almeida Júnior, A. A educação higiênica no lar	7, 19, 1946	Ideias e Debates
Gouvêa, R. Os jogos dirigidos na educação integral	9, 24, 1946	Ideias e Debates
Macedo, I. G. Medidas de aproveitamento	9, 24, 1946	Ideias e Debates
Matos, L. N. A. O interrogatório didático	9, 24, 1946	Ideias e Debates
Carvalho, A. B. Dramatizações escolares	9, 25, 1946	Ideias e Debates
Santos, T. M. A educação e o método	10, 26, 1947	Vida Educacional
Alonso, C. P. A dramatização como processo psicológico de ajustamento da criança	10, 27, 1947	Vida Educacional
Carvalho, I. S. M.. Uma técnica didática: o plano de aula	11, 31, 1947	Vida Educacional
Bastide, R. Educação dos educadores	12, 33, 1948	Ideias e Debates

Fonte: Elaborado pelo autor (2013).

Do total de matérias que continham referências a metodologias de ensino, foi possível identificar 5 textos cujos conteúdos traziam elementos de proximidade com a temática investigada neste trabalho. A seguir, um breve resumo de cada uma delas.

DUARTE, B. Teatro, colaborador da educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 127 e 128, jan. 1945.

Esse artigo aborda o teatro como elemento pedagógico indispensável ao ensino de linguagem. Duarte (1945, p. 128) faz uma crítica ao restrito uso do teatro nas escolas, dizendo que o Brasil parece ser o “único país do mundo em que o Teatro fica à margem da Escola”. O autor baseia-se no livro *Didática da Escola Nova* de Alfredo Miguel Aguayo, o qual defende que “as dramatizações livres, as representações dramáticas, leitura em coro e canto unido à poesia” funcionam como estímulos às emoções nas crianças e, portanto, são essenciais ao ensino de linguagem.

MATOS, L. N. A. O interrogatório didático. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 24, p. 5-32, set./out. 1946.

Nesse artigo, o autor discorre sobre o uso da técnica de interrogatório como procedimento didático em atividades de ensino, em geral. Matos (1946, p. 6) afirma que a referida técnica foi utilizada na antiguidade, compondo a maiêutica socrática, a qual “substituíva vantajosamente a exposição doutrinária do mestre” e estimulava a “atividade reflexiva dos alunos”. O interrogatório cumpre essa finalidade porque o mestre não expõe nem explica a doutrina; apenas apresenta problemas em forma de perguntas, provocando respostas que geram novas perguntas.

CARVALHO, A. B. de. Dramatizações escolares. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 25 p. 314-321, nov./dez. 1946.

Esse artigo discute o sentido pedagógico da dramatização, defendendo que dramatizar não significa representar papéis previamente definidos, com falas rigidamente decoradas; o correto é que o aluno escolha o assunto que deseja dramatizar, fazendo-o de maneira espontânea. Carvalho (1946, p. 315) discorre sobre a importância de conhecer a finalidade e os objetivos de determinada atividade, para que resultados satisfatórios sejam obtidos, pois “o resultado de um trabalho condiciona-se, em grande parte, ao plano que, em vista da finalidade, tenha sido traçado e executado”.

GOUVÊA, R. Os jogos dirigidos na educação integral. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 24, p. 68-85, set./out. 1946.

Esse artigo considera que as dramatizações, quando utilizadas de maneira lúdica, podem ser vistas como uma forma de jogo. Para a autora, “a palavra jogo em nossa terminologia educacional” pode englobar “todas as atividades que dão satisfação ao

indivíduo e enriquecem a sua personalidade” (Gouvêa, 1946, p. 68). O jogo dirigido pode ser definido como atividade com caráter lúdico sob coordenação do professor. Portanto, os professores podem utilizar esse recurso para obter benefícios significativos aos seus alunos. A autora cita W. H. Kilpatrick, afirmando que quando a atividade é plenamente satisfatória, é possível manter sua continuidade.

ALONSO, C. P. A dramatização como processo psicológico de ajustamento da criança. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 27, p. 293-295, mar/abr. 1947. Tirar essa referências bibliográficas no interior do texto que atravancam a leitura e dispôlas em nota de rodapé ao final.

Esse texto apresenta a dramatização como instrumento valioso ao trabalho educativo, sendo considerado um dos processos que melhor permite a ação terapêutica do professor, por trazer à tona os distúrbios emocionais dos alunos. Alonso (1947, p. 294) leva em conta o uso da dramatização tanto no aspecto psicológico quanto no didático, mostrando que a construção do material a ser dramatizado deve provir dos alunos, enquanto o professor deve estar atento para não deixar escapar qualquer indício por eles fornecido. A autora chama a atenção para a distinção entre dramatização e decoração, informando que esta “pressupõe uma atitude imitativa, passiva e estática”, ao passo que a primeira é “eminente ativa, dinâmica”.

Jacob Levy Moreno e o Psicodrama

Jacob Levy Moreno nasceu em 6 de maio de 1889, na cidade de Bucareste, Romênia, e faleceu em 14 de maio de 1974, em Beacon, Estados Unidos. Durante infância e a juventude, até 1920, sua vida foi marcada pela religiosidade. Entre 1913 e 1914, realizou um trabalho de readaptação de prostitutas vienenses utilizando técnicas grupais; nesse mesmo período publicou o poema *Convite ao Encontro*; por volta de 1916, desenvolveu um trabalho de observação das interações psicológicas entre refugiados tirolezes.

Em 1917, Moreno formou-se em Medicina. Daquela época até 1920, colaborou, em parceria com Martin Buber, Max Scheller, Jakob Wasserman, Kafka e outros, com a revista *Daimon Magazine*, periódico existencialista e expressionista. Em 1920, publicou anonimamente *Das testament des vaters* (O testamento do pai), traduzido para o espanhol em 1923 como *Las Palabras del Padre*, já com sua identificação como autor. Naquela época, sua inclinação maior era para o teatro, sendo que em 1921 fundou o

Teatro Vienense da Espontaneidade, experiência fundamental para suas ideias de Psicoterapia de Grupo e Psicodrama.

A primeira sessão psicodramática oficial foi realizada em 1º de abril de 1921, na cidade de Viena, data assinalada por Moreno como o marco da fundação do Teatro da Espontaneidade e da criação do Psicodrama. Na referida sessão, Moreno propôs aos habitantes da cidade a escolha de um rei, já que ali não havia governo estável e nenhum líder. Ao público coube o papel de júri. Como resultado, ninguém foi considerado digno de ser rei, e a cidade permaneceu sem líder.

O período de dedicação ao teatro é descrito por Moreno como uma fase de transição entre a religiosidade e a ciência. Ele afirma que aproveitou a ideia de espontaneidade como natureza primordial para se rebelar contra o falseamento das instituições sociais – família e igreja – e contra a mecanização do ser humano.

Em 1923, publicou *O Teatro da Espontaneidade*, obra em que define o objetivo de romper com a “conserva cultural” do teatro, já que “discordava do uso de textos decorados e ensaiados”; defende que as “catarses aristotélica e de ab-reção” sejam “substituídas por uma forma de expressão” em que o ator, “naquele momento da ação”, torne-se o “próprio autor e criador de sua história, para transformá-la” (Gonçalves; Wolff; Almeida, 1988, p. 36).

Moreno enfrentou dificuldades com o teatro espontâneo porque, quando a reação era autêntica, o público e a crítica acusavam os artistas de terem ensaiado cuidadosamente; quando as dramatizações não eram convincentes, recebiam críticas de que eram inviáveis. Diante das reações negativas e a conseqüente redução do público, os atores abandonavam a direção de Moreno e partiam em busca do teatro convencional. Moreno, então, criou o “jornal vivo”, mais tarde denominado “jornal dramatizado”, usando a técnica “não como repetição ou recitação das notícias, mas sim como dramatização a partir da notícia” (Gonçalves; Wolff; Almeida, 1988, p. 15).

Além do jornal dramatizado, Moreno realizou teatro espontâneo com pacientes psiquiátricos; durante esse trabalho, em 1923, ocorreu o caso Bárbara-Jorge, caracterizando o início do Teatro Terapêutico. Bárbara era uma atriz famosa que sempre representava papéis românticos, doces e ingênuos. Ela se apaixonou por Jorge, poeta e autor teatral, e ambos se casaram. Certo tempo depois, Jorge procurou Moreno dizendo ser impossível viver com a esposa, pois em casa ela era agressiva e violenta. Moreno solicitou que Bárbara fizesse papéis mais vulgares, o que a deixou satisfeita com suas atuações. Certo dia, Jorge relatou a Moreno que a esposa estava muito diferente, calma

e doce. Assim o Teatro da Espontaneidade transformou-se em Teatro Terapêutico, e este em Psicodrama Terapêutico.

Em 1925 Moreno mudou-se para os EUA, e em 1927 fez a primeira apresentação do Psicodrama fora da Europa. Em 1931 introduziu o termo Psicoterapia de Grupo, marcando aquele ano o início da Psicoterapia de Grupo científica. Moreno editou a primeira revista dedicada a essa área, chamada *Impromptu*. Em 1934 publicou *Who shall survive?*, traduzido para o espanhol como *Fundamentos de la sociometria*. Em 1936, ele se mudou para Beacon, no estado de Nova York, onde construiu o primeiro teatro terapêutico.

Moreno desenvolveu trabalhos em uma escola em Hudson, atuando na reeducação de jovens, e a partir dali voltou sua atenção para a investigação e mensuração das relações interpessoais, sustentando o uso da Sociometria para a seleção de oficiais americanos durante a Segunda Guerra.

A Psicoterapia de Grupo, o Psicodrama e a Sociometria são considerados por Moreno como a terceira revolução psiquiátrica, sendo a primeira com Phillippe Pinel, que durante a Revolução Francesa libertou os alienados e os tratou com humanidade; a segunda revolução foi o surgimento da Psicanálise com Sigmund Freud. Devido a seu passado religioso, Moreno foi visto pela comunidade científica com desconfiança, considerado um pregador messiânico em uma busca de ingênua fraternidade. No entanto, ele sempre procurou dialogar com terapeutas de outras linhas teóricas, na tentativa de “esclarecer os fundamentos de sua proposta como pesquisador e psicoterapeuta” (Gonçalves; Wolff; Almeida, 1988, p. 17).

Em 1946, Moreno publicou *Psychodrama*, traduzido para o português em 1974. *Psicoterapia de grupo e psicodrama* foi publicado em 1959, com tradução no Brasil em 1999. Também em 1959 foi publicado *Fundamentos do psicodrama*, tendo sua primeira edição brasileira em 1983.

As concepções teóricas e as técnicas do Psicodrama

Do ponto de vista teórico, o Psicodrama consiste na utilização de técnicas psicodramáticas que buscam resgatar as relações “téllicas”, ou seja, “a capacidade de se perceber de forma objetiva o que ocorre nas situações e o que se passa entre as pessoas” (Gonçalves; Wolff; Almeida, 1988, p. 49). O Psicodrama permite o surgimento de condições para a recuperação da criatividade e da espontaneidade, proporcionando o que Moreno denomina Encontro, ocasião em que existe reciprocidade total, quando os

indivíduos adquirem tal grau de identidade que podem escutar um ao outro, mesmo mediante o silêncio, sem que ocorra perda ou dano da identidade própria.

No Psicodrama, o mais importante é o momento da criação, pois o seu valor está no processo e não no produto final. O indivíduo cria no aqui e agora do espaço psicodramático, na vivência do drama, durante o processo. Para Fonseca Filho (1980, p. 7), “no cenário psicodramático, tudo é atual. O passado é presente. O futuro também o é”. Durante a trajetória da sua vida, o indivíduo desenvolve condutas pré-determinadas pela sociedade, e com isso assume papéis que modelam suas formas de agir. O papel pode ser definido como uma pessoa imaginária e, ao mesmo tempo, como uma parte assumida por um ator, ou seja, uma personagem. Além disso, o papel pode ser uma função aceita, incorporada na realidade social.

A vida dos seres humanos é constituída de máscaras, de estereótipos impostos pela sociedade. O psicodrama proposto por Moreno (1974) aborda esse fato afirmando que, para ocorrer a liberação destas estereotípias, a dramatização teria que ir além dos teatros, pois estes reproduzem o que ocorre na sociedade, sendo a repetição das conservas culturais. Moreno propôs que o teatro não fosse um local de reprodução, de repetições, de incentivos às conservas culturais, mas um espaço de liberação, de transformação, de improvisações, incentivando o desenvolvimento da criatividade e da espontaneidade. Ali, os atores poderiam criar seus próprios personagens e não desenvolver papéis criados por outra pessoa, o autor, situação em que, por mais originais que sejam, as representações não passam de simples repetições.

A primeira tentativa de Moreno para alcançar esse objetivo foi a transformação do teatro comum em teatro espontâneo. É o transformar de dentro para fora, consistindo em liberar os papéis através da dramatização espontânea. O maior contraste entre as duas formas de teatro reside na forma como ambas lidam com o momento. O teatro tradicional apresenta “seus produtos, perante uma audiência, como criações acabadas e definidas; o momento é ignorado”. O teatro espontâneo produz o “próprio momento” e cria a “forma e o conteúdo do drama na qualidade de partes integrais do mesmo” (Moreno, 1984, p. 51).

Moreno constata que há um conflito em algumas formas de teatro tradicional, também chamado de teatro não-espontâneo, entre o papel dramático e a pessoa privada do ator. Ao representar, um ator omite sua pessoa privada, porém tal omissão é sempre incompleta, pois atrás do papel do personagem estará presente a personalidade privada do ator. Moreno diz que “o grau em que um dado papel pode substituir ou preencher o espaço da pessoa privada do ator é cronicamente incompleto”; atrás “da máscara de

Hamlet espreita a personalidade privada do ator”. Esse conflito é chamado de “conflito primário papel-pessoa” (Moreno, 1974, p. 206).

Segundo Moreno, as obras teatrais geralmente reproduzidas o mais fielmente possível geram conflitos entre atores, pois a preparação, muitas vezes, é feita por meio de improvisações, o aquecimento totalmente livre e espontâneo, mas os papéis não são criados pelos próprios atores espontaneamente, são meras repetições, reproduções de outras obras dramáticas. Portanto, os atores vivem o conflito entre o momento espontâneo e o momento conservado, não-criativo. O teatro espontâneo busca pôr fim ao dilema entre o drama espontâneo (improvisado) e a rígida conserva dramática (papel a desempenhar). Moreno abandona essas demarcações, permitindo e incentivando a criação e a espontaneidade, promovendo o desenvolvimento de papéis *in status nascendi*, ou seja, criados na situação do momento, durante o processo.

Várias são as técnicas oferecidas pela metodologia psicodramática. A mais utilizada para o desenvolvimento de papéis é o *role-playing*, ou jogo de papéis. Trocar o papel do protagonista com o seu papel complementar, propiciando ao personagem “A” a oportunidade de vivenciar o papel de “B”, e vice-versa, é um dos mais eficientes procedimentos psicodramáticos. Segundo Moreno (1974, p. 181), o *role-playing* tem como finalidade “proporcionar ao ator uma visão dos pontos de vistas de outras pessoas, ao atuar no papel de outros, seja em cena, seja na vida real”.

No *role-playing* é possível chegar à percepção dos sentimentos do outro, ou seja, do seu papel complementar, proporcionando aos participantes a possibilidade de vivenciar situações problemáticas ocorridas no dia-a-dia e oferecendo condições de entendê-las, para assim buscar possíveis alternativas para superá-las, ou ainda, de se preparar para situações que possam surgir. É a possibilidade de vivenciar tudo de forma protegida, no espaço do “como se” psicodramático. O *role-playing* permite ao sujeito atuar em diversos papéis correlatos ao seu de forma dramatizada, ampliando a compreensão de seu próprio papel e viabilizando um desempenho mais espontâneo e criativo. Segundo Wechsler (1999, p. 114), no *role-playing* o indivíduo atua dramaticamente vários papéis, podendo assim “compreender a sua própria dinâmica individual e a estabelecida com os outros papéis, por exemplo, professor/aluno, professor/diretor, professor/pais de alunos”.

Além do *role-playing*, há várias outras técnicas psicodramáticas, que devem ser empregadas criteriosamente, buscando dar aos participantes a oportunidade de progredirem durante o ato psicodramático. Dentre outras, destacam-se as seguintes técnicas, conforme apresentadas por Moreno (1974):

- Solilóquio: é uma técnica em que o protagonista verbaliza, em voz alta, sentimentos e sensações que se apresentam durante o ato psicodramático.
- A Inversão de Papéis: corresponde à fase do reconhecimento do tu, do entendimento do outro. O sujeito identifica-se com o papel do outro e passa a “olhar o outro com os olhos dele”, para depois ocorrer a inversão concomitante dos papéis.
- A técnica do Duplo: está associada à fase de identidade do eu com o tu. Quando, em uma sessão, um participante apresenta um momento de dificuldade de compreensão ou de relacionamento com outras pessoas, o auxílio do Duplo pode facilitar a superação do conflito.
- A técnica do Espelho: está associada à fase do reconhecimento do Eu. Não há um espelho real, mas um Ego-Auxiliar que representa, no cenário, exatamente o que o protagonista é ou faz. O Ego-Auxiliar pode colaborar com o diretor psicodramático ou com o protagonista. No primeiro caso, pode ser enviado ao palco para representar um papel ou contrapapel, contribuindo com o desenvolvimento da ação psicodramática e, em alguns casos, atuando como provocador, de acordo com as instruções do diretor. No segundo caso, pode ser indicado pelo Protagonista para representar o papel de determinada pessoa que surge na cena a ser dramatizada.
- Interpolação de Resistências: é uma técnica em que o diretor de cena tenta contrariar as posições rígidas do protagonista, dando comandos ao ego-auxiliar para que modifique algumas informações oferecidas pelo protagonista. Assim, espera-se permitir que o protagonista tenha acesso a outros pontos de vista, seja mais flexível e, com isso, avance em suas percepções.

Considerações Finais

Na investigação das matérias publicadas pela RBEP, foram identificados 14 textos cujos temas dizem respeito a metodologias de ensino, no total de 540 publicados entre os anos de 1944 e 1948. Dentre os 14, cinco podem ser considerados próximos da metodologia que, a partir do exame das matérias de Betti Katzenstein, denominamos *exposição poética*. Quatro deles (Duarte, 1945; Carvalho, 1946; Gouvêa, 1946; Alonso, 1947) fazem referência à dramatização, ou desempenho de papéis, como recurso de grande valor no trabalho educativo. O quinto texto (Matos, 1946) discorre sobre uma técnica de ensino que consiste em apresentar problemas na forma de perguntas, ocasionando respostas que levam a novas perguntas.

Podemos observar, em primeiro lugar, que a RBEP publicou poucos textos (14 em 540) relativos a metodologias de ensino; em segundo lugar, podemos notar que também

são poucos (5) os textos que se aproximam da estratégia didática utilizada por Katzenstein. Dentre os que se aproximam, quatro o fazem por abordarem o desempenho de papéis como recurso didático, técnica que Katzenstein utiliza ao colocar em cena personagens fictícias, Dona Anastácia e a Psicóloga; o outro texto aproxima-se por mencionar a técnica do diálogo, a qual é empregada por essas duas personagens.

Se considerarmos que esses cinco textos contêm aspectos próximos do procedimento adotado por Katzenstein, podemos concluir que tais recursos didáticos eram pouco veiculados entre os educadores no período focalizado por esta pesquisa, a julgar pela fonte examinada – a RBEP. É pouco provável, portanto, que a autora tenha buscado inspiração no campo educacional para elaborar as suas matérias dialogadas, no que tange ao método de ensino que nelas se apresenta. Por outro lado, não se pode afirmar que o tema fosse completamente alheio aos educadores, o que permite manter viva a hipótese de que Katzenstein, ao elaborar seus textos, estivesse repercutindo certa preocupação comum em sua época.

Na investigação relativa ao campo da Psicologia, tomando por base especificamente o Psicodrama de Moreno, encontram-se alguns elementos teóricos e práticos que podem ter servido de inspiração para Katzenstein. O desempenho de papéis (*role-playing*), que constitui o cerne da proposta do autor, ocupa também o centro das matérias dialogadas da autora. Se excluirmos o que se refere à improvisação e ao conteúdo terapêutico, inerentes à proposta de Moreno, podemos dizer que Katzenstein concordaria com uma finalidade dessa técnica, que é proporcionar a vivência de situações do cotidiano, levando um dos participantes a assumir o ponto de vista do outro.

As outras técnicas criadas por Moreno no contexto do Psicodrama – como a Inversão de Papéis, o Duplo e a Interpolação de Resistências – também podem ser identificadas nas matérias dialogadas de Katzenstein, nas quais o papel da Psicóloga consistia em contrariar os posicionamentos de Dona Anastácia, levando-a a enxergar com outros olhos assuntos controvertidos, sempre situados na esfera das relações sociais.

Para concluir categoricamente que Moreno tenha servido de fonte inspiradora para Katzenstein, seria necessário penetrar mais intimamente na formação intelectual da autora, para sabermos, por exemplo, se o Psicodrama fez parte de suas leituras, ou se ela manteve contato com círculos de estudiosos dessa corrente teórica, tanto no Brasil quanto no exterior. Trata-se, portanto, de mais uma hipótese a ser mantida em aberto, carecendo de novas investigações.

Referências

- ALONSO, C. P. A dramatização como processo psicológico de ajustamento da criança. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 27, p. 293-295, mar/abr. 1947.
- BORSATO, C. R.; CUNHA, M. V. Dialética e retórica no discurso de Betti Katzenstein. *Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 17, jul./dez. 2011.
- CAPANEMA, G. Apresentação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 3-4, jul. 1944.
- CARVALHO, A. B. Dramatizações escolares. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 25 p. 314-321, nov./dez. 1946.
- CUNHA, M. V. *O discurso educacional renovador no Brasil (1930-1960): um estudo sobre as relações entre escola e família*. 1998. 245 f. Tese (Livre-Docência). Faculdade de Ciências e Letras, da Universidade Estadual Paulista, Araraquara 1998.
- _____. A educação no período Kubitschek: os centros de pesquisa do INEP. 2 ed. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 83, n. 203/204/205, p. 127-140, jan./dez. 2002.
- _____. História da Educação e Retórica: ethos e pathos como meios de prova. In: SILVA, M.; VALDEMARIN, V. T. (Orgs.). *Pesquisa em educação: métodos e modos de fazer*. São Paulo: Cultura Acadêmica: 2010.
- DUARTE, B. Teatro, colaborador da educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 127 e 128, jan. 1945.
- EDITORIAL. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 5-6, jul. 1944.
- FONSECA FILHO, J. S. *Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno*. São Paulo: Ágora, 1980.
- GANDINI, R. *Intelectuais, Estado e Educação: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944-1952)*. Campinas: Unicamp, 1995.
- GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. *Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno*. 3. ed. São Paulo: Ágora, 1988.
- GOUVÊA, R. Os jogos dirigidos na educação integral. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 24, p. 68-85, set./out. 1946.
- LOURENÇO FILHO, M. B. Antecedentes e primeiros tempos do Inep. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 95, p. 8-17, jul./set. 1964.
- MATOS, L. N. A. O interrogatório didático. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 24, p. 5-32, set./out. 1946.
- MORENO, J. L. *O teatro da espontaneidade*. Tradução Maria Sílvia Mourão Neto. 2. ed. São Paulo: Summus, 1984.
- _____. *Psicodrama*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1974.
- ROTHEN, J. C. O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos: uma leitura da RBEP. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 86, n. 212, p. 189-224, jan./abr. 2005.
- TEIXEIRA, A. Discurso de posse do Prof. Anísio Teixeira no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 46, p. 69-79, abr./jun. 1952.
- VIDAL, D. G.; CAMARGO, M. J. G. A imprensa periódica e a pesquisa histórica: estudos sobre o Boletim de Educação Pública e a Revista Brasileira de Estudos

Pedagógicos. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 80, n. 194, p. 81-92, jan./abr. 1992.

WECHSLER, M. P. F. *Psicodrama e construtivismo: uma leitura psicopedagógica*. São Paulo: FAPESP/Annablume, 1999.

Notas

¹ Os resultados da pesquisa aqui sumariada, incluindo os dados sobre a vida e a atuação de Katzenstein aqui mencionados, encontram-se em Borsato e Cunha (2011).

Artigo recebido em: 14/02/2014. Aprovado em: 07/03/2014.